

# GÊNERO, SEXUALIDADE E IDENTIDADE EM BERNARDO CARVALHO: APONTAMENTOS PARA UMA PEDAGOGIA QUEER

## GENDER, SEXUALITY AND IDENTITY IN BERNARDO CARVALHO: NOTES FOR A QUEER PEDAGOGY

Alex Bruno da Silva 1  
Flávio Pereira Camargo 2

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de analisar as relações entre identidades de gênero, Educação e literatura nas construções das experiências e das subjetividades homoeróticas nos romances *O filho da mãe* (2009) e *Simpatia pelo demônio* (2016), do escritor carioca Bernardo Carvalho. Argumenta-se que as narrativas trazem para o primeiro plano identidades desviantes que, sob vários aspectos, põem em questão a crise do masculino desafiando as fronteiras heteronormativas e seus arranjos dentro dos mecanismos discursivos. Esta discussão pretende problematizar ideias naturalizadas com relação ao gênero e à identidade, sublinhando a importância das práticas culturais e das pedagogias que constituem o espaço escolar, como forma de “estranhar o currículo” (Louro, 2020). Tomando como pressupostos teórico-críticos os estudos formulados por Michel Foucault (2010/2018/2019/2020), Judith Butler (2008/2019), Guacira Lopes Louro (2020), dentre outros, esperamos que os resultados de pesquisa, ora desenvolvida, apontem para a urgência de discutirmos, de forma mais aprofundada, as questões de gênero e sexualidade no espaço da sala de aula.

**Palavras-chave:** Corpo. Educação. Homoerotismo. Literatura Brasileira Contemporânea. Queer.

**Abstract:** This paper aims to analyze the relationships between gender identities, education and literature in the constructions of homoerotic experiences and subjectivities in the novels *O filho da Mãe* (2009) and *Simpatia pelo demônio* (2016), by the carioca writer Bernardo Carvalho. It is argued that the narratives bring deviant identities to the foreground that, in many ways, call into question the crisis of the masculine, challenging heteronormative borders and their arrangements within discursive mechanisms. This discussion intends to problematize naturalized ideas in relation to gender and identity, underlining the importance of cultural practices and pedagogies that constitute the school space, as a way to “strange the curriculum” (Louro, 2020). Taking as theoretical-critical assumptions the studies formulated by Michel Foucault (2010/2018/2019/2020), Judith Butler (2008/2019), Guacira Lopes Louro (2020), among others, we hope that the research results, now developed, point to the urgency of discussing, in more depth, the issues of gender and sexuality in the classroom space.

**Keywords:** Body. Education. Homoeroticis. Contemporary Brazilian Literature. Queer.

---

1 Doutor em Letras e Linguística pela UFG – Universidade Federal de Goiás. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado em Estudos Literários pela UFG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5177889803531913>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6130-8592>.  
E-mail: alexprofessor100@gmail.com

2 Pós-doutor em Estudos Literários pela UFMG/Brasil e pela UNL/Portugal. Professor de Literatura Brasileira da UFG – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5015485726957185>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9116-2432>.  
E-mail: flaviocamargo@ufg.com

## Considerações Iniciais

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Antonio Candido (*O direito à literatura*, p. 182)

Em ensaio a respeito dos modelos de masculinidades em obras da literatura portuguesa e das literaturas africanas de língua portuguesa, o pesquisador Mário César Lugarinho (2012/2017) registra que o movimento feminista relativizou as Humanidades, uma vez que recusava as formas fixas dos papéis sociais desempenhados pelas mulheres. No âmbito dessas rearticulações, Lugarinho (2017, p. 127) afirma que: “a emergência de outras identidades baseadas na orientação sexual, como a dos homossexuais, pode assinalar uma crise mais profunda que pontua a identidade masculina desde o alvorecer do homem moderno”. Nesse sentido é que “as identidades não normativas põem em causa a validade do conceito de masculinidade hegemônica como um efetivo exercício de uma identidade de gênero” (Lugarinho, 2012, p. 79).

As reflexões que se seguem são geradas pelo grande desafio de se fazer representar no espaço educacional e nos currículos que nele se desenvolvem, uma outra perspectiva epistemológica que está voltada, como diz Guacira Lopes Louro (2020), para a visibilização de uma multiplicidade de identidades sociais e sexuais sugerindo, além disso, novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação. Para investigar os diversos fatores que participam da relação entre identidades de gênero, Educação, currículo e literatura é importante sublinhar, também, que as questões de gênero e sexo se pautam, principalmente, a partir dos estudos pós-estruturalistas e dos estudos *queer* de Judith Butler (2008/2019) e Guacira Lopes Louro (2020) e das teorizações de Michel Foucault (2010/2018/2019/2020) sobre a sexualidade e o poder na construção de uma genealogia do sujeito do desejo.

Para Guacira Lopes Louro (2020, p. 08), *queer* pode ser tudo aquilo que causa estranheza e que desestabiliza a norma imposta: “pode ser o sujeito da sexualidade desviante, o excêntrico que não deseja ser integrado ou tolerado”. Pode ser, também, um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume “o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível” (2020, p. 08). Assim, os estudos *queer*, juntamente com os Estudos Culturais, assumem um debate e uma visão mais livre em relação aos sujeitos ou as práticas que se colocam contra a normatização social.

Para Butler (2019), o termo *queer* tem operado historicamente como uma prática linguística que reivindica políticas mais institucionalizadas aos que são excluídos pelas normas regulatórias. A autora propõe pensar criticamente o termo para que não ocorra um conjunto de divisões sobrepostas entre gays e lésbicas, mulheres e homens. Dessa forma, o *queer*, como local discursivo, cujos usos não podem ser totalmente restritos, “deve ser salvaguardado não apenas para o propósito de continuar a democratizar a política *queer*, mas também para expor, afirmar e refazer a historicidade do termo” (2019, p. 381).

Ainda de acordo com Butler (2008), as relações de poder, presentes nessas práticas e discursos, remetem a um atributo biológico binário (homem x mulher), provido de uma heterossexualidade compulsória. Nesse sentido, o gênero opera apelando para meios de exclusão que são materializados no poder discursivo regulatório: “Assim, a questão não é mais de que forma o gênero é constituído como e por meio de certa interpretação do sexo, mas mediante que normas de regulação o próprio sexo é materializado” (Butler, 2019, p. 28).

Afinada com o pensamento de Butler, sobretudo no entendimento regulatório do sexo, Louro (2020, p. 15) afirma que a declaração “É uma menina!” ou “É um menino!”, por exemplo, pode ser compreendida como uma “definição ou decisão sobre um corpo”. Reitera-se, com isso, a sequência sexo-gênero-sexualidade, na qual o ato de nomear um corpo acontece no interior da lógica binária heterossexista. Há, contudo, os corpos que subvertem essa sequência, tornando-se, portanto, “os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição” (Louro, 2020, p. 16).

Nesse sentido, o gênero e o sexo guardam a inconstância do que é histórico e cultural, e, por isso, às vezes deslizam. As ideias de Foucault (2010, p. 31) sobre a história da sexualidade,

no primeiro volume *A vontade de saber*, apontam que o sexo é discursivamente regulado por dispositivos de poder: “o sexo não se julga apenas, administra-se”. A partir disso, Foucault (2010) faz um estudo aprofundado sobre como o corpo é moldado e (re)elaborado por uma variedade de práticas discursivas disciplinares e por uma vontade de saber sobre a sexualidade, desde o século XVI até o século XIX. A partir do segundo volume da história da sexualidade – *O uso dos prazeres* –, Foucault (2019) empreende uma importante transformação no pensamento sobre a história da sexualidade, acrescentando no esquema saber-poder o elemento sujeito: saber-poder-sujeito. Com isso, há um trabalho histórico e crítico na construção de uma genealogia do sujeito desejante analisando, para isso, “as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo [...]” (Foucault, 2019, p. 10).

Nessa perspectiva, *O uso dos prazeres* estuda como a atividade sexual, na Grécia antiga, se constituiu como domínio de prática moral e modos de subjetivação, “pondo em jogo os critérios de uma estética da existência” (Foucault, 2019, p. 18). O terceiro volume – *O cuidado de si* – analisa esta problematização nos textos gregos e latinos dos dois primeiros séculos da nossa era, e o desenvolvimento da cultura de si para “a inflexão que então se opera na ética dos prazeres” (Foucault, 2018, p. 93). O quarto volume – *As confissões da carne* –, obra póstuma de Foucault lançada recentemente, trata enfim da experiência da carne, nos primeiros séculos do cristianismo, “assim como o exame do sentido fundamental que toma em nossa cultura, com santo Agostinho, o conceito de *libido* – após a queda e no casamento” (Foucault, 2020, p. 12, grifo do autor).

Tentando evidenciar, como perspectiva crítica, as reflexões esboçadas acima, consideramos *O filho da mãe* (2009) e *Simpatia pelo demônio*, do escritor contemporâneo Bernardo Carvalho<sup>1</sup>, romances que mobilizam, estética e politicamente, o universo homoerótico, problematizando na ficcionalização do discurso aspectos da subjetividade do sujeito gay, como forma de visibilização de uma identidade não-hegemônica ou nos termos de Guacira Lopes Louro (2020, p. 59), algo como “estranhar o currículo”. Ou seja, tais obras são expressões significativas de como a literatura contemporânea, à procura do reconhecimento orgânico de identidades socialmente marginalizadas (Dalcastagnè, 2012), pode passar dos limites, atravessar-se, desconfiar do que está posto e, enfim, “fazer uma espécie de enfrentamento das condições em que se dá o conhecimento” (Louro, 2020, p. 60).

Nesse viés, Anselmo Peres Alós (2011) argumenta que a epistemologia *queer* deve ser entendida como uma política do conhecimento que necessita ser ampliada e debatida nas escolas, pois enquanto a “epistemologia estiver no armário, haverá a manutenção do privilégio heteronormativo da produção de conhecimento, da elaboração de estratégias pedagógicas e do regramento das relações entre alunos e professores” (Alós, 2011, p. 443).

Tendo em vista que o ensino de literatura, conforme aponta Paulo Franchetti (2021), tem se centrado – ao longo dos anos – em ensinar “história literária” como condicionamentos sociais e estéticos das formas e dos temas, institucionalizados por um cânone disciplinarizado como literário, as práticas de letramento literário devem considerar aspectos reais em contextos sociais reais nos quais aquele que lê o texto literário pode reconhecer-se no Outro, em virtude da “própria condição de existência da escrita literária”, conforme aponta Rildo Cosson (2006, p. 12).

Para tanto, o enfoque deste artigo está voltado para a análise dos romances supracitados, em suas experiências discursivas particulares, com o objetivo de observar as tensões identitárias de nosso tempo, a desnaturalização e o questionamento como estratégias férteis para pensar qualquer dimensão da existência, principalmente no espaço educacional. Ao escolher os textos a serem discutidos em sala de aula, é importante ter em mente que o objetivo é o de promover uma atmosfera de inclusão e aceitação. Dessa forma, revendo os papéis de poder, a escola/universidade e o professor podem funcionar como elementos catalisadores de mudanças, tanto nos aspectos relacionados à formação de leitores literários quanto nas relações interpessoais estabelecidas.

<sup>1</sup> O escritor contemporâneo Bernardo Carvalho destaca-se no cenário das letras, sobretudo, pelos seguintes romances: *Nove noites* (2002); *Mongólia* (2003); *O sol se põe em São Paulo* (2007); *O filho da mãe* (2009); *Reprodução* (2013); *Simpatia pelo demônio* (2016); seu último romance publicado foi *Os Substitutos* (2023).

## O estranhamento *queer* em *O filho da mãe*

O romance *O filho da mãe*, publicado em 2009, é dividido em três partes – “I trezentas pontes, II As quimeras e III Epílogo” – dentre as quais possuem subdivisões em 23 capítulos que dão um seguimento não linear às trajetórias dos personagens. Esses capítulos são intitulados a partir de locuções adverbiais de tempo e lugar ou de expressões que ajudam o leitor na localização de espaços e datas no vaivém temporal, indicando, assim, a estrutura labiríntica da obra cuja diversidade de pontos de vistas vem à baila durante a narração. A ficcionalização da guerra – entre russos e tchetchenos – é responsável por inserir a narrativa em um contexto de exceção e ruína, no qual situações de conflitos e intolerâncias são significativamente confrontadas pela lógica resistente do amor, do afeto e do desejo, como na experiência homoerótica vivida entre os protagonistas Ruslan e Andrei, nas ruas de São Petersburgo.

Observamos que, em *O filho da mãe*, o desejo e a atração entre corpos do mesmo sexo, os laços afetivos como forma de expressão do desejo interditado e a amizade como configuração de um sentimento amoroso representam, na tessitura do discurso narrativo, uma estratégia para as personagens viverem seus desejos e romperem as fronteiras preestabelecidas entre os gêneros. Nesse sentido, acreditamos que trabalhar com esse romance a partir de uma perspectiva não normalizadora poderá não só contribuir para a formação de leitores para quem o texto literário seja o objeto de desejo, mas para a ampliação da diversidade em torno da temática *queer* nos espaços educacionais.

A dualidade da construção do corpo de Ruslan, por exemplo, apesar do esforço para ocultar seu desejo homoerótico, apresenta-se permeável e dissidente. Seu estranhamento e a variabilidade de sua identidade são confirmados, de início, pela forma que era caracterizado por sua avó Zainap como “um rapaz sensível” (Carvalho, 2009, p. 30). Na imagem de seu corpo em movimento, inscrito na ordem do devir, seu aspecto *queer* assenta-se na força criadora do desejo, do erotismo, contra as contingências locais, que se recusam a reconhecer a diferença proliferando, portanto, discursos de regulação disciplinar do corpo. Tais discursos, repletos de fissuras aparecem dicotomizados na narrativa entre a estratégia e a tática, o público e o privado, o segredo e a revelação, o interdito e a transgressão, o prazer e a negação.

O contexto de guerra, de vigilância, as perseguições e os genocídios dimensionam a experiência subjetiva na narrativa: o homoerotismo sob a ótica da identidade fragmentada; os corpos como signo de enfrentamento; corpos que se mostram avessos ao binarismo de gênero e ao contexto sociocultural em que estão situados. Assim, o romance de Carvalho traz à tona corpos estranhos/*queers*, cujos desejos são efetuados nas ruínas e, portanto, suscitam problematizações/indagações sobre “quais modos de vida contam como ‘vida’, quais vidas vale a pena proteger e salvar, que vidas merecem ser enlutadas?” (Butler, 2019, p. 41). Ou seja, qual a importância da vida de Ruslan? Ele escapa à delimitação da matriz heterossexual que qualifica os “corpos que importam” (Butler, 2019) e, com isso, resiste aos processos de exclusão. Talvez seja por isso que Ruslan, sob a iminência da violência bélica e do desabono, associa o amor/desejo ao risco e à guerra, como pode ser observado no excerto a seguir:

[Ruslan] sonha com a primeira noite que passou com Akif nos trilhos abandonados do trem, em Grózni. A ameaça de serem descobertos, associada ao perigo dos bandidos e ao risco de serem alvejados, dava afinal um sentido heroico e rebelde à juventude que não viveram por causa da guerra. [...] E acabou passando a noite num vagão abandonado, como se nada ao redor tivesse a menor importância, como se não estivessem no epicentro da guerra – ou melhor, como se estivessem imunes a ela ou fossem capazes de decretar uma trégua simplesmente por estarem juntos. De alguma forma, Ruslan passou a associar o amor ao risco e à guerra, porque não conhecia outra coisa. Associou o sexo à trégua (o desejo deixava a realidade em suspenso) e o amor à iminência da perda. E daí em diante só conseguiu amar entre ruínas (Carvalho, 2009, p. 38).

A narração em terceira pessoa implica em distanciamento e aproximação, já que a variação de focalizações admite que a diegese seja contaminada pelas perspectivas subjetivas das personagens. No caso da citação acima, a experiência homoerótica é narrada a partir da memória afetiva/corporal de Ruslan que incide sobre os paradigmas de ordens e desordens inscritos no corpo *queer* e suas injunções estigmatizadoras e excludentes. A dimensão onírica, neste caso, traz à tona a consciência da exclusão/marginalização que acompanhará Ruslan no deslocamento até São Petersburgo, já Akif, amigo de infância, será destruído pela guerra prematuramente. Cabe também reiterar que as práticas sexuais entre eles não são consideradas legítimas, limpas e saudáveis segundo paradigmas socioculturais heterossexistas, por isso o deslocamento para os espaços escuros, abandonados e marginais. São, pois, nos termos de Foucault (2010), práticas sexuais ilegítimas/periféricas, sexualidades que incomodam por onde passam.

Ao pensar na cultura repressiva da sexualidade e suas concessões, Foucault (2010) observa que ainda hoje estamos condicionados pelos discursos higienistas do século XVIII, uma vez que os três grandes códigos que regulavam as práticas sexuais – direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil – perpetuaram discursos de caráter moral e biológico através de diferentes instituições como a Escola, a Família, a Igreja, a Medicina, a Psiquiatria, entre outras, visando regular o sexo. Desse modo, os discursos “fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito” (Foucault, 2010, p. 44). Além disso, as diferentes instituições centravam-se nas relações matrimoniais entre homem e mulher, logo, aqueles que rompiam as leis do casamento ou procuravam “prazeres estranhos mereciam de qualquer modo, condenação. [...] Na ordem civil como na ordem religiosa o que se levava em conta era um ilegalismo global. Sem dúvida, o ‘contra-a-natureza’ era marcado por uma abominação particular” (Foucault, 2010, p. 45).

Ora lícita, outrora ilícita, a permissão sobre o sexo, no pensamento foucaultiano, é sustentada por uma estrutura de poder para atender aos interesses hegemônicos de uma moral capitalista. O contexto político social da Tchetchênia é fundamentado por essa estrutura de poder, por esse controle discursivo do sexo, colocando determinados corpos/sujeitos à margem social. Contudo, se “onde há poder há resistência” (Foucault, 2010, p. 105), a presença/existência do corpo de Ruslan como espaço do desejo homoerótico, que inventa modos de ser, alternativas para sobreviver – mesmo que momentaneamente e em segredo –, preferindo, pois, o risco, o indeterminado, a suspeição e a errância, rasura as relações miméticas entre gênero e sexo, bem como atravessa as estratificações socioculturais.

A expressão do desejo homoerótico espraia-se no encontro de Ruslan com Andrei – jovem de Vladivostok, cidade situada na extremidade sul da Rússia –, cuja história é apresentada a partir da segunda parte da narrativa. São corpos que, borrados em suas margens identitárias, mostram-se avessos a qualquer significação despótica, minando, portanto, a ideia de identidade/gênero estanque. Aponta-se, então, para a dimensão *queer* que denota tanto uma prática performática quanto uma entrega ao prazer e ao risco. Essa tensão entre descontrole e contenção, que marca o confronto dos corpos, pode ser evidenciada no trecho a seguir:

Sente a pressão no pescoço ceder e experimenta girar a cabeça devagar dentro da chave de braço do batedor de carteiras até seus lábios entreabertos estarem na mesma altura. Uma nova consciência se instaura entre os dois. Há um reconhecimento, um lapso de desconfiança e hesitação. E, pela inércia da recomposição de forças, os lábios entreabertos por pouco não se tocam. O recruta volta a sentir o próprio hálito na respiração do batedor de carteiras, sente-se acolhido por aquele sopro, como se pela primeira vez tivesse consciência do ar que respira e que o mantém vivo, na boca dos outros. E é só quando os dois rostos se afastam alguns centímetros, ainda sob o risco de uma reação intempestiva, que Andrei se dá conta de que são iguais. [...] Basta, entretanto, um pequeno movimento para que a impressão se desfaça e cada um retorne a sua identidade prévia. Um novo golpe arremessa o recruta ao chão (Carvalho, 2009, p. 124-125).

Na imagem dos corpos em conflito outro sentido flutua: a indeterminação identitária, performática que avanta a possibilidade de quebra dos papéis sociais, em direção a uma subjetividade queer. As práticas performáticas de Andrei e Ruslan – personagens que expressam seus desejos homoeróticos em corpos marcadamente masculinos – não impedem o reconhecimento do desejo interdito como uma espécie de desvelamento de si. A luta corporal entre os protagonistas reescreve a imagem do corpo dócil em um corpo fora da ordem, indócil, desestabilizando as habituais políticas de representação, conforme sublinha Butler (2008/2019).

A internalização da identidade é questionada quando os corpos se enfrentam, permitindo, por um momento, a possibilidade de uma afetividade. Entretanto, há, tanto por parte de Andrei quanto de Ruslan, a retomada de uma “identidade prévia” evidenciando, pois, que a performatividade não corresponde a uma ação livre, mas ocorre sob o influxo discursivo de normas instauradas no próprio “eu” como algo fabricado e não preexistente. Ou seja, os atos e os gestos dos personagens – “para que a impressão se desfaça” – são performativos, “no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (Butler, 2008, p. 194, grifo da autora). A identidade masculina, uma vez confrontada pela pedagogia *queer*, coloca-se em estado de crise na medida em que se vê obrigada a rever os papéis e os estereótipos que lhe foram destinados por discursos culturais heteronormativos.

Em *O filho da mãe*, as estratégias narrativas utilizadas ressaltam a presença do Outro, localizando-o em seu contexto e prerrogativa. É o que Regina Dalcastagnè (2012) observa sobre as novas nuances que constituem os narradores e os personagens da ficção brasileira contemporânea. Para ela, hoje, cada vez mais, os escritores adotam estratégias ficcionais que desconstruem a posição e a autonomia do narrador tradicional, na medida em que os personagens vêm ganhando “outras marcas de identidade” e falas sobre si. Assim, os escritores pretendem, “em seu afã auto-denunciador, que o leitor tropece em juízos alheios, esbarre nos próprios preconceitos, que ele estreite os olhos para enxergar melhor, percebendo que também inventa aquilo que não consegue distinguir” (Dalcastagnè, 2012, p. 94).

Um exemplo disso na narrativa de Bernardo Carvalho são as soluções estéticas fragmentadas, desarticulando a centralidade do domínio discursivo e, com isso, singularizando a experiência homoerótica na cidade. A voz heterodiegética alia-se a uma focalização interna variável (Genette, 1995) concedendo aos diferentes personagens formas de percepção/expressão de si e do mundo ao seu redor. O trecho do romance, transcrito abaixo, é significativo para confirmarmos esse aspecto:

Quando eu era pequeno, viajando pelas montanhas com o meu pai, para conhecer a terra dos seus antepassados, passamos por uma casa onde havia nascido um animal que era dois sem ser nenhum. Uma égua dera à luz um potro no qual estavam misturados dois embriões. A isso chamam quimera, como depois eu ia aprender na faculdade. Era um animal estranho, parecia um potro, mas era outra coisa, dois fundidos num só, indistintos. Não conseguia ficar em pé. As quimeras são raras e os pastores nas montanhas as veem como portadoras de mau agouro, porque põem a reprodução num impasse, fazem da reprodução uma monstruosidade. Por isso, quando esses animais não morrem ao nascer, os próprios camponeses se encarregam de lhes dar um fim. Nas montanhas, todo homem tem um *kunak*, um amigo estrangeiro que o salvará da morte e que ele também tem a obrigação de salvar. Nenhum homem será completo enquanto não encontrar o seu *kunak*. Só então poderá seguir o próprio caminho em paz, sabendo que existe no mundo alguém, como ele, com quem ele pode contar na vida e na morte. As quimeras morrem para que sobreviva o pacto dos que não podem contar nem com Deus nem com os anjos (Carvalho, 2009, p. 160-161).

O excerto é um trecho de uma carta que Ruslan escreve para Andrei antes de ele ir ao suposto reencontro com a mãe Anna. As cartas se apresentam no discurso narrativo como forma

de textualizar o “eu”, de transmissão dialógica do discurso interior (do outro), de enunciado pessoal de um personagem. Narratologicamente, a inserção da carta, imbricada ao discurso do narrador heterodiegético, aproxima-se de um discurso “ficticiamente *relatado*”, nos termos de Genette (1995, p. 168), “tal como é suposto ter sido pronunciado pela personagem”, modo que se dirige ao estado mais mimético da representação da voz do “Outro”, nesse caso, de um refugiado, desterritorializado em seu próprio país e fundado culturalmente como corpo abjeto/estranho. Por sua vez, esse discurso (*relatado*) endossa a alteridade social do outro através da linguagem, na qual o jogo com os símbolos – quimera e *kunak* –, por meio de diferentes discursos dialogizados no romance, denuncia e questiona as atitudes ideológicas em relação ao mundo.

Na tradição tchetchena, o *kunak* representa uma forma de tratamento referente a um amigo estrangeiro, com quem se estabelece vínculos de amizade ao longo da vida. Nessa ideia, a aceitação do outro é dirigida pela ética da amizade, da empatia, permitindo uma adesão à experiência do afeto. A essa política da amizade e do acolhimento antepõe-se outra atitude ideológica, alcançada na figura da quimera com sua construção de significados: símbolo de mau agouro, elemento de desordem e deformidade, ou seja, aquilo que perturba uma ordem, caracterizado pelo espaço do abjeto, por conta de sua zona de inabitabilidade e de sua estranheza.

Dessa maneira, a escritura *queer* de Bernardo Carvalho, ancorada nas imagens díspares da quimera e do *kunak*, deixa em aberto as respostas possíveis às indagações sobre as tentativas de ver o outro ou se ver como outro. Contudo, tais signos promovem no romance discursos que nos propiciam pensar uma visão mais complexa sobre a dimensão dos afetos e das alteridades, cujas representações gravitam em torno da desnaturalização das identidades sexuais para pensar qualquer dimensão do humano.

Os protagonistas de *O filho da mãe* expressam uma crise do masculino, crise essa respaldada no teor *queer* do romance, o qual apresenta um homoerotismo em sua inscrição trágica, mas que fissa a ordem política-discursiva reguladora dos corpos. Isso confirma, como pontua Lugarinho (2012, p. 79), que “o conceito de masculinidade hegemônica passou a ser reconhecido numa condição mais ideal do que real, afirmando a sua condição de instância discursiva do que exatamente a expressão de um indivíduo real”.

Nesse sentido, o estranhamento *queer* aponta para um sentido transgressor de diligência ética, ainda que os personagens enfrentem brutalidades e preconceitos que lhes foram destinados por forças socioculturais. O romance, portanto, reescreve tanto o corpo social/nacional, entendido como lugar de regulação das sociabilidades culturais e sexuais, quanto o corpo subjetivo/sexual, tido como um *lócus* de subjetividades/afetividades próprias. Por isso, o romance apresenta, numa perspectiva inclusiva, uma abordagem mais ampla sobre o tema das sexualidades, de forma mais realista, crítica e não estereotipada. Podemos observar também a ratificação das estabilidades dos gêneros binários ao apresentar protagonistas gays que enfrentam diversas formas de violência e opressão para viverem seus desejos sexuais.

Pensando em uma prática escolar, a partir de uma pedagogia *queer*, a tarefa de “estranhar o currículo” (Louro, 2020) é, de fato, delicada, mas não impossível. Daí surge a necessidade da inserção de obras no ensino médio ou nos cursos de Letras, por exemplo, como *O filho da mãe*, que podem talvez libertar o estudante de uma teia de preconceitos e silenciamentos. O romance de Bernardo Carvalho ainda possibilita o diálogo intercultural pela experiência com a diferença cultural explorada na narrativa. Permitindo, assim, o desenvolvimento de atitudes positivas em respeito aos outros e à diversidade.

## **O estranhamento *queer* em *Simpatia pelo demônio***

O romance *Simpatia pelo demônio*, publicado em 2016 por Bernardo Carvalho, se estrutura sob a ambivalência do demônio para construir seus significados. Neste livro, Carvalho explora a ambiguidade do mal nas relações privadas e na geopolítica. À relação entre desejo e violência, inevitavelmente presente nas trajetórias dos personagens, soma-se outra, tão significativa quanto,

2 Para Genette (1995), os discursos alheios podem ser contados na narrativa através de três estados: discursos relatados, transpostos e narrativizados. No discurso relatado o narrador cede ou finge ceder a palavra à sua personagem; no transposto utiliza-se o estilo indireto, o narrador se propõe a contar os pensamentos e sentimentos do personagem; o narrativizado é o estado mais distante da fala dos personagens, o mais redutor.

entre corpo (identidade) e mobilidade. Daí, chamamos a atenção, em especial, para a representação do espaço transnacional como território enunciativo da narrativa, que pressupõe explorar ou ter que lidar com diferentes formas de identificação.

Entrevemos na expressiva imagem do demônio o transitório, uma vez que sua simbologia gravita entre os dois planos do humano – vida e morte. O desejo homoerótico pode ser visto, então, como paixão que revigora a vida e, ao mesmo tempo, como pulsão incontrolável que leva à frustração e à morte. Na simbologia do trânsito, essa contradição confirma que as personagens de *Simpatia pelo demônio* buscam com o jogo erótico e com a perversão uma imagem de si, bem como a possibilidade de satisfação desse desejo que escapa à razão. São, como veremos adiante, personagens enigmáticos porque passam necessariamente pelos problemas que a globalização, as redes virtuais e os interditos nos impõem.

Dividido em cinco partes – “I A agência humanitária, II Perdeu, III O palhaço, IV O sacrifício perpétuo e V O resgate” –, o romance é aberto com a imagem de uma suposta agência humanitária internacional em um grandioso prédio na cidade de Nova York, no qual Rato, personagem protagonista, recebe do diretor da agência, além de sua demissão, por motivos que saberemos efetivamente ao final da narrativa, a missão de pagar o resgate de alguém desconhecido em um país árabe, dominado por uma facção terrorista semelhante ao Estado Islâmico.

*Simpatia pelo demônio* é conduzido por um narrador heterodiegético que se reveste de focalização onisciente (Genette, 1995), que desempenha na concepção de uma imagem carente e vulnerável do protagonista Rato, no transcorrer da narrativa, uma dimensão trágica, bem como demonstra a relação com o espaço a partir da experiência do fluxo, da errância, da estadia provisória. Desse modo, sem linearidade, a trama é articulada através de dois fios condutores: um que se inicia na agência quando Rato recebe a missão suicida e, com isso, o leitor passa a conhecer sua vida pública e sua formação acadêmica; e outro, a partir de uma constituição memorialística no instante em que Rato é atacado por um homem-bomba no quarto de um hotel, que conduz o leitor às suas memórias afetivas: o casamento, a crise identitária e, principalmente, seu envolvimento amoroso com o chihuahua – um neurocientista mexicano –, envolvendo, também, um terceiro elemento nesse jogo de desejo, o Palhaço – companheiro de chihuahua.

Das memórias que surgem na segunda parte do romance resulta a fragmentação em abismo, como se a narrativa ficasse dando voltas em torno de si. Isso porque o narrador, embora assuma a onisciência narrativa, embaralha a ordem temporal naquilo que está posto pelo movimento da memória do Rato, quando este conta seu passado ao homem-bomba no quarto de hotel. É a partir deste labirinto ficcional que Carvalho põe o leitor numa situação de tensão extrema – Rato diante do homem-bomba – e, logo em seguida, leva o leitor para o passado com todas as questões que envolvem o domínio da barbárie social e pessoal. Esse jogo temporal se repete no decorrer da narrativa.

A economia narrativa desdobra-se, assim, a partir das intersecções entre o corpo e a mobilidade espacial na constituição de identidades que não se classificam por denominadores culturais da heteronormatividade (Butler, 2019). O romance aborda o volatismo e a visceralidade do desejo homoerótico como condição das individualidades nas experiências de trânsito, tanto no caso do Rato, como do chihuahua. Pelo exposto, a narrativa permite a entrada do leitor a mundos/ contextos culturais até então desconhecidos, os quais passam a ser vistos a partir de múltiplas perspectivas e de suas próprias realidades igualmente diversas. Além disso, a perspectiva *queer*, aqui, coloca em debate a lógica binária que subjaz à compreensão dos sujeitos e de suas práticas sexuais.

O corpo do Rato, por exemplo, assume um papel de destaque na narrativa ao evidenciar não só o desejo homoerótico, mas também questões de ordem, de controle e de abjeção. A crise da meia-idade reforça as contradições que o processo de envelhecer produz no sujeito e na relação com o Outro. É, nesse sentido, um corpo *queer* que se constrói como o homem da ciência, o profissional reconhecido, o marido e pai tradicional, mas, na verdade, suas práticas sexuais não decorrem da matriz sexual que rege a heterossexualização do desejo. É um corpo que não consegue obedecer aos seus guardiões morais e éticos e, por isso, recusa a fixidez e assume “a inconstância, a transição e a posição ‘entre’ identidades como intensificadoras do desejo”, como sublinha Louro (2020, p. 21) em relação ao *queer*.

Isso pode ser exemplificado quando, ao apresentar o Rato como um amador nas questões amorosas, o narrador anuncia:

Teve poucas namoradas antes de conhecer a mulher. Também conhecera um ou outro homem, casualmente, mas nada digno de nota, ao que se soubesse. Sua bissexualidade nunca foi explícita. Não era de falar de seus encontros e de suas relações afetivas. Essencialmente monogâmico, passava a imagem extemporânea do romântico inocente” (Carvalho, 2016, p. 80).

A fala do narrador é carregada de ironia na medida em que essa imagem do sujeito estável, burguês, situado no centro da razão, vai sendo desconstruída ao longo da narrativa. Mesmo o narrador usando o termo “bissexualidade”, referindo-se ao Rato, isso também é problematizado na narrativa, principalmente porque o personagem recorre à terapia no intuito de entender as próprias contradições de ordem íntima – sexual.

Em outros trechos do romance o narrador diz: “o Rato lhe disse [ao chihuahua] que não se incomodaria de transar a três, com o Palhaço, se essa fosse a condição para ficarem juntos [...] o Rato já sofria as dores de um desvio de personalidade [...] (Carvalho, 2016, p. 85-94). O personagem, assim, subverte a cristalização dos gêneros ao rasurar premissas heteronormativas. O corpo como signo do estranhamento, da experiência criativa – no mais das vezes homoerótica –, singulariza na atração o tom agônico do homoerotismo: “[...] o Rato sentiu por ele [o chihuahua] uma atração que já não podia sentir por mais ninguém e ainda menos pela mulher, uma atração que havia perdido na juventude e que o fazia acreditar de novo no amor” (Carvalho, 2016, p. 94-95). É interessante notar que a experiência homoerótica em *Simpatia pelo demônio* vislumbra algo desterritorializante, superando o tempo e os interditos, além de alcançar a dimensão transnacional em relação ao espaço.

A demanda do desejo homoerótico do Rato é imediata e agonística, “resultado de um problema com o tempo, de uma urgência, de uma rapidez e de uma impaciência insustentáveis [...]” (Carvalho, 2016, p. 110), movendo-se, portanto, como um nômade, um errante que aposta no devir. Pensando, pois, na inscrição do corpo *queer* do personagem – insubmisso ao denotar tanto uma prática performática quanto a expressão do desejo homoerótico e da perversão –, a mobilidade e a metáfora da viagem são movimentos que nos informam sobre o reconhecimento do corpo também como território de representações temporárias e desviantes.

Ainda sobre o corpo do Rato, a errância e a intensidade na relação com o chihuahua apontam também para uma luta contra o envelhecimento ou para um tipo de ilusão em relação ao amor que ressurgem na meia-idade, como sublinha o narrador: “Seguia o manual do homem de meia-idade que, inconformado com a decadência natural, termina por se adiantar à morte, achando que está renovando um contrato com a vida” (Carvalho, 2016, p. 196). O corpo aparece, desse modo, como o limite insuportável do desejo, bem como materialidade performática produzida e marcada discursivamente pelo signo da abjeção (Butler, 2019). A “decadência natural” do corpo expõe que a carne (a libido) é a parte monstruosa sujeita ao envelhecimento: “o Rato gozou com o pau mole, pela primeira vez na vida. E é claro que isso o deixou abalado” (Carvalho, 2016, p. 87).

O abalo do personagem, citado acima, está possivelmente ligado à crise da meia-idade, uma vez que os significados socioculturais atribuídos ao corpo passam a influenciar diretamente a relação dos sujeitos com seus corpos e o modo como serão julgados/reconhecidos pelo olhar do outro. Assim, o processo de envelhecimento passa a ser sinônimo de julgamento, principalmente se comparado a corpos jovens. Retomando as proposições de Foucault (2010/2019), que compreendem que o discurso/o poder produz significações em nossos corpos e os fazem marcados por dispositivos de poder, podemos dizer, ainda, numa erótica dos prazeres da sexualidade, que as interpelações estigmatizadoras sobre a velhice fazem do corpo em processo de envelhecimento um lugar de “repúdio que produz um domínio de abjeção” (Butler, 2019, p. 19).

Já o chihuahua é definido pelo narrador com um “oximoro demasiado [...] um vampiro disfarçado de donzela” (Carvalho, 2016, p. 193), aproximando-se, como já observamos, da figura do perverso – o monstro. Ele também vive a experiência da estraneidade no próprio corpo, na

vazão do desejo homoerótico. É aquele que também se lança numa viagem sobre si mesmo, como um viajante que se coloca contra “a normatização venha de onde vier”, dialogando com as palavras de Louro (2020, p. 97). Sempre em trânsito, ele “fugia dos encontros concretos, mas também tinha suas fraquezas” (Carvalho, 2016, p. 100). Na juventude, como pontua o narrador, “atravessara o México de carona, sendo detido a cada posto policial” (Carvalho, 2016, p. 111). Ou seja, a mobilidade aparece atrelada às experiências subversivas, pensando na representação do seu corpo *queer*.

As atitudes perversas do chihuahua e seus “incontáveis encontros casuais” (Carvalho, 2016, p. 131) com outros homens ganham, na terceira parte do romance, explicações psicanalíticas freudianas a partir daquilo que o Palhaço conta ao Rato durante o voo de Nova York para Berlim, como também nas inserções da terapeuta de casais. Dessa maneira, o desejo obsessivo do chihuahua, quase sempre por homens mais velhos, geralmente escritores de acordo com o Palhaço, teria a ver com a figura do pai: “Ele tinha obsessão por escritores. [...] O primeiro com quem ele se envolveu foi um padre poeta vinte anos mais velho, quando ele ainda estava no colégio e não falava com os pais fazia um ano. [...] Padre poeta, você não vê? Ele estava buscando o amor do pai” (Carvalho, 2016, p. 131).

Na poética do corpo, entre interditos e transgressões, a dimensão *queer* do corpo do chihuahua vai sendo construída, como visto, sob a imagem do monstro sexual que reage contra o funcionamento da heterossexualidade compulsória na materialização dos corpos que importam (Bulter, 2019). Ou seja, é o pervertido no concerto cultural em que se inscreve. Nas palavras do narrador: “Era um corpo estranho em meio a tanta pureza, [...] o sedutor se fazendo passar por seduzido, [...] [desmistificando] a pretendida singularidade do chihuahua como um mero estereótipo gay” (Carvalho, 2016, p. 185-203).

Em uma lógica subversiva, o chihuahua utilizava estratégias de sedução, chavões e palavras específicas para se autopromover e manter-se resistente diante de suas “presas”. É na conturbada relação homoerótica entre ele e o Rato que a perspectiva *queer* traz provocações para pensar a variabilidade das identidades, mas também ao que se impõe como normativo e abjeto, e o faz escolhendo a via de possibilidades não normativas aberta à diferença. É, portanto, uma relação marcada pelo gozo instantâneo, pelas insinuações sexuais, pela intensidade violenta e pela indeterminação do estranhamento *queer*.

Para a discussão aqui proposta, o desejo homoerótico, ao mesmo tempo em que possibilita transgressões e dá pulsão aos personagens, instaura uma contradição entre vida e morte. Dessa contradição serve o caráter reflexivo da identidade, na medida em que põe em cena sujeitos que não têm controle sobre o próprio desejo, apontando na direção do deslocamento e da fragmentação. No romance, o narrador conclui: “As contradições são sempre maiores que a consciência das contradições, assim como o desejo é sempre mais forte que a razão” (Carvalho, 2016, p. 150).

Essa ideia do desejo como devassidão, descontrole, contradição interior que não pode ser controlada pela razão, aparece no quarto volume da história da sexualidade – *As confissões da carne* – no qual Foucault (2020) trata de que maneira o cristianismo, antes da Idade Média e durante ela, precisava criar um mecanismo de controle para dominar a vida doméstica das pessoas, em outras palavras, controlar a sociedade por dentro. O modelo de sexualidade monástico existente nesse período se baseava na ideia de que o sexo era pecado, no entanto, esse modelo sublinhava um paradoxo: se as pessoas não fizessem sexo a humanidade acabaria, por isso a razão de seu controle.

Diante desse paradoxo – era preciso haver sexo, mas ao mesmo tempo isso era uma contradição que o cristianismo não sabia como resolver –, Foucault (2020) analisa uma reinterpretação de Santo Agostinho em relação ao pecado e à queda do paraíso que, por sua vez, soluciona tal paradoxo para o cristianismo. Partindo de escritos do filósofo, na passagem do século IV para o século V d. C., haveria, após a queda do paraíso, “a inextirpável presença da *libido* no ser humano” (Foucault, 2020, p. 425, grifo do autor). Para Agostinho, já existia sexo no paraíso, antes da queda, as relações sexuais não eram o problema, pois elas eram naturais, dominadas pela razão. O pecado nasce com a desobediência do homem, o que leva à queda do paraíso e ao castigo divino intjetado dentro do próprio corpo do sujeito:

um abalo físico do corpo que não se pode dominar, uma comoção da alma que é arrebatada a contragosto pelo prazer, um eclipse final do pensamento que parece aproximá-lo da

morte. 'O desejo (*libido*) pelo qual são excitadas as partes vergonhosas do corpo' não se contenta de se apoderar do corpo inteiro, exteriormente e interiormente; sacode o homem inteiro, unindo e misturando as paixões da alma e os apetites carnis para conduzir esta volúpia, a maior de todas entre aquelas do corpo [...] (Foucault, 2020, p. 407).

A *libido* – concebida como desejo, prazer, devassidão – surge, após a queda, fundada no próprio sujeito, de modo que sua vontade não pode ser mais controlada pela razão. O desejo involuntário é o castigo pela desobediência, é a consequência, à atualidade do pecado em todo homem. E é, dessa maneira, que o cristianismo passa, segundo Foucault (2020), a entrar nas casas das pessoas, por meio do dispositivo da confissão, controlando, assim, discursivamente, o que seria ou não pecado em relação ao sexo, principalmente no matrimônio. Ou seja, fazer sexo no casamento com a esposa, dentro de uma espécie de jurisdição cristã, não seria pecado.

O pecado é, justamente, desejar o Outro, desejar o que não é para ser desejado, enfim, é quando deixamos o nosso desejo controlar nossa razão cristã. Não por acaso, o romance mostra como, em vez de validar o discurso da masculinidade hegemônica que exige uma identificação com o ideal regulatório do sexo, a narrativa brasileira contemporânea pode colocar-nos diante de ressignificações éticas e estéticas que implicam outras concepções variadas dos sujeitos e de seus próprios corpos.

As identificações, como pontua Butler (2019, p. 185), “nunca estão completa e terminantemente acabadas; elas são incessantemente reconstruídas e, como tal, estão sujeitas à lógica volátil de iterabilidade”. Se a representação do corpo *queer* divide espaço com a temática da mobilidade em *Simpatia pelo demônio*, o romance também expressa as tensões identitárias e as diferentes formas de estranhamento de nosso tempo, a partir da representação da diferença – de experiências/corpos que ainda estão à margem (Dalcastagnè, 2012).

Nesse sentido, no romance em cena, o narrador focaliza o corpo *queer* dos personagens através de imagens que evocam prazer e transgressão, mas também perversão, tentação e morte, impulsionando-nos, dessa forma, à crítica cultural e, em particular, literária cujo centro seja a representação/figuração do Outro, do diferente, em suas angústias e perplexidades. A nosso ver, *Simpatia pelo demônio* pode contribuir para o debate, em sala de aula, das relações entre questões religiosas, históricas, políticas, sociais e questões relacionadas ao preconceito e ao ódio contra os corpos *queer*. Assim, o que nos faz advogar em favor da presença do enfoque na pedagogia *queer* nas aulas de literatura é o fato de que “a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essas experiências” (Cosson, 2006, p. 17).

O romance de Carvalho explora o tema da violência (a barbárie) sem dissociá-lo de uma visão mais complexa do contexto econômico, social e político. O narrador de *Simpatia pelo demônio* alarga os significados e sentidos da barbárie, ao explorar as facetas da violência íntima que assombra as personagens. Observamos, portanto, como a narrativa de Carvalho está atravessada pela violência, e não é só a violência explícita do terrorismo, da sociedade, mas da violência que está, antes, internamente na própria constituição interior, nas relações pessoais, sexuais e amorosas. E, conseqüentemente, nesse estreito limite em que a imagem da violência bifurca-se entre o interior e o exterior, os deslocamentos espaciais e identitários operam, por um lado, a imagem interna do sujeito errante cujo destino parece ser quase sempre a solidão e a morte; e, por outro lado, a expansão sociológica na qual se insere a violência no dia-a-dia da vida cotidiana.

Como mobilizador de saberes (trans)culturais, o texto literário seduz o outro, desperta a consciência do sujeito para a necessidade de novas formas de comunicação e de ação no mundo, além de trazer para perto do sujeito vivências as mais diversas.

## Considerações finais

Como podemos perceber, os personagens de *O filho da mãe* e *Simpatia pelo demônio* trazem à cena a crise do masculino, ou seja, colocam em xeque os valores e os elementos identitários da noção hegemônica de masculinidade, perpetrados pela lógica da heteronormatividade. Nesse

sentido, Mário César Lugarinho é enfático ao afirmar que:

Por se constituir em crise, a identidade masculina, hoje, pode se desdobrar em inúmeras possibilidades, dissolvendo a sua condição paradigmática para se instituir em dimensões diversas. Ou seja, ser homem não é mais uma característica do indivíduo dada pela classe, etnia, orientação sexual, religião ou mesmo pelo sexo biológico: é uma identidade construída entre as diversas outras identidades com que se confronta (Lugarinho, 2017, p. 127).

É nesse ponto da argumentação de Lugarinho (2017) que tomamos como norte para nossa análise interrogar práticas pedagógicas que mobilizem, no interior do contexto educacional, um movimento no sentido de desconcertar ou “estranhar o currículo”, para usar o termo de Louro (2020). Defendemos, assim, para pensar sobre essa crise da masculinidade nos dois romances, um olhar *queer* enquanto proposta de teorização sobre a sexualização dos corpos, desejos e identificações que potencializam o estranhamento na medida em que transgridem/desestabilizam o binarismo de gênero.

Se, em *O filho da mãe*, o domínio do homoerotismo corresponde a uma questão nacional, sobretudo, na relação do corpo com a cidade de São Petersburgo, em *Simpatia pelo demônio* essa dimensão homoerótica está ligada a uma questão transnacional aliada à mobilidade das personagens, seja do ponto de vista do espaço de possibilidades de deslocamentos constantes, seja nos significados que se projetam de sua dimensão corpórea, pautada no descentramento da identidade.

*O filho da mãe* e *Simpatia pelo demônio* mobilizam, a partir de procedimentos narrativos distintos, configurações homoeróticas que possibilitam interpelar o campo literário através da diferença – enquanto estratégia que valida alteridades sexualmente dissidentes. Nessa relação entre a representação do desejo entre iguais e os espaços urbanos percorridos pelas personagens, o erotismo entra como experiência integrante de um processo que é, simultaneamente, de composição estética e de circunscrição temática. Ou seja, as narrativas ao explorarem o universo da tematização homoerótica revestem-se, por vezes, de uma linguagem erótica que encena o erotismo dos corpos, numa perspectiva *queer*.

Nessa lógica, o *queer* coloca em questão o binarismo de gênero estruturante do campo educacional. Como educadores, nos interessa descobrir onde, em que ponto, um texto deixa de fazer sentido para um grupo de estudantes ou, ao contrário, passa a fazer sentido e a se sentirem representados. Logo, o movimento que consiste em “*queering* a educação” (Louro, 2020) pode ser pensando como um movimento que implica numa subversão dos processos de conhecer, aprender e ensinar. Tudo isso leva ao desafio de uma prática pedagógica voltada, inicialmente, para a multiplicidade da sexualidade, dos gêneros e dos corpos, na tentativa de contribuir “para transformar a educação num processo mais prazeroso, mas efetivo e mais intenso” (Louro, 2020, p. 67).

É em vista disso que Anselmo Peres Alós (2011) elucida que é muito mais viável e produtivo projetos pedagógicos de redefinição do humano, de maneira a tornar inteligíveis e representados os corpos não heteronormativos. Diante disso, Alós enfatiza:

É necessário um esforço para que os nossos alunos gays, lésbicas, travestis e bissexuais sejam vistos como sujeitos legítimos dos processos de aprendizagem, sujeitos tão dignos da atenção do professor quanto qualquer outro menino ou menina. Para tanto, nada mais efetivo do que expor os/as alunos/as sob nossa tutela às pedagogias culturais nas todos/as quais aqueles sujeitos que estão fora dos domínios da heterossexualidade sejam apresentados como seres humanos plenos, e não como aberrações, ou como sujeitos de segunda categoria. Penso que, assim, estará dado o primeiro passo no sentido de re-humanizar a noção do humano a partir da nossa atuação como professores, alfabetizadores e trabalhadores em educação (Alós, 2011, p. 446).

Não por acaso, as narrativas literárias – que compõem o *corpus* deste trabalho – consistem em expressão de uma demanda de representação de corpos não normativos que se constituam pelo princípio da diferença, acenando, assim, para o reconhecimento de qualquer identidade ou ponto de identificação. Acreditamos na importância do ensino de literatura voltado para o processo de produção das diferenças que levaria os alunos/leitores a questionarem as estreitas relações do eu com o outro. Por isso, comungamos da perspectiva segundo a qual a literatura pode desencadear neles – alunos/leitores – o processo de humanização, pois, segundo Candido (2011), a literatura é um direito humano, uma vez que ela pertence àquela categoria de bens que não podem ser negados a ninguém.

## Referências

ALÓS, Anselmo Péres. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n.1, p. 421-449, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Trad. Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1edições, 2019.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-193.

CARVALHO, Bernardo. **O filho da mãe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARVALHO, Bernardo. **Simpatia pelo demônio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade IV**: as confissões da carne. Trad. Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

FRANCHETTI, Paulo. **Sobre o ensino de literatura**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Trad. Maria Alzira Seixo. Lisboa: Veja, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LUGARINHO, Mário César. Agenciamento de gênero nas literaturas africanas de língua portuguesa: um caso caboverdiano. *In: LUGARINHO, Mário César. (Org.). Do inefável ao afável: ensaios sobre sexualidade, gênero e estudos queer*. Manaus: EUA Edições, 2012, p. 75-86.

LUGARINHO, Mário César. Os heróis e a memória nacional: modelos de masculinidades para o colonialismo português no século XIX. *In: PAULA, Marcelo Ferraz de (org.). Ética, estética e políticas do testemunho: estudo sobre arte, memória e violência*. São Paulo: Nankin, 2017, p. 125-140.

Recebido em 18 fevereiro 2024.

Aceito em 26 maio 2024.